

Cenário Macroeconômico Junho/26



COMENTÁRIOS DA GESTORA

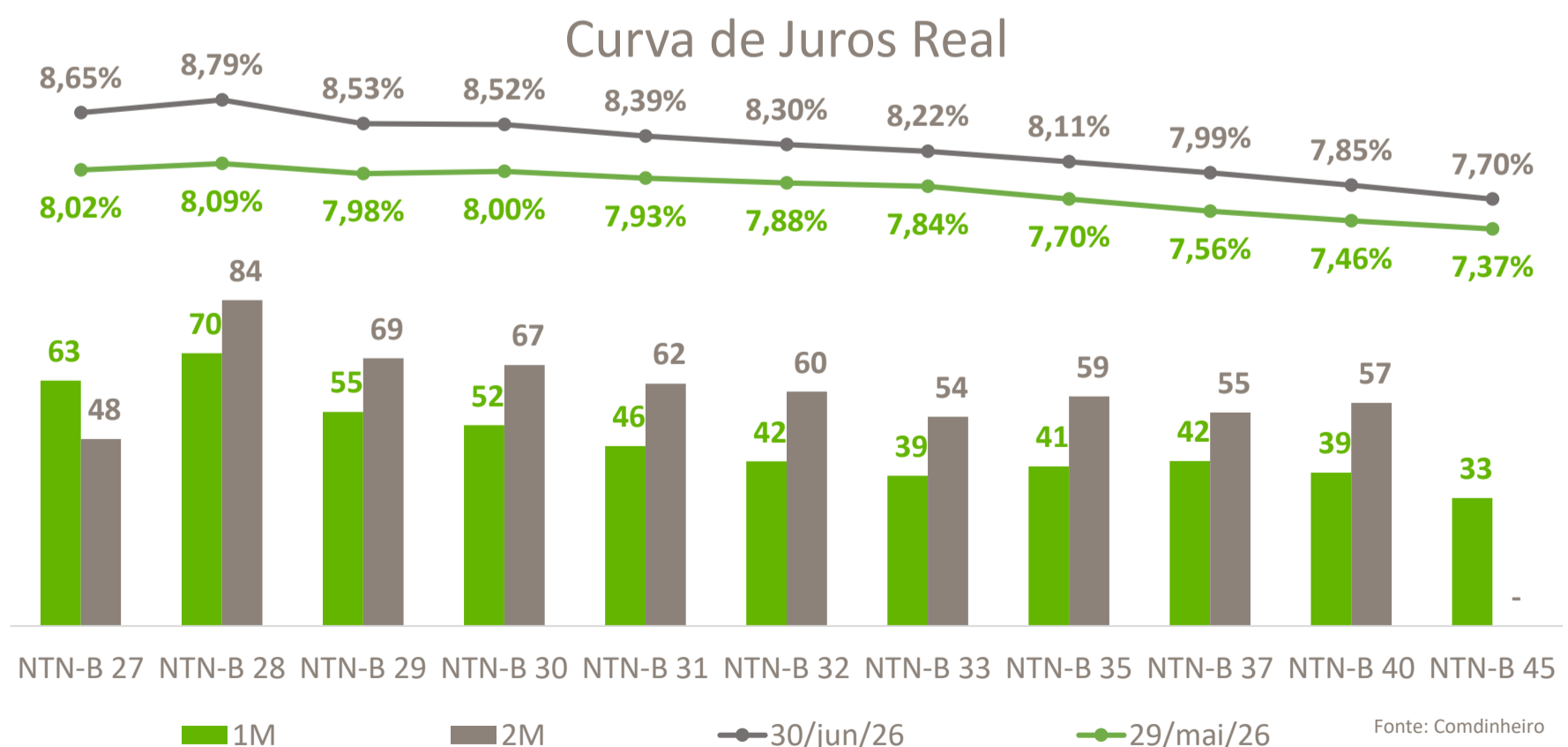
Breve Panorama Macroeconômico

Junho ficou marcado pela renovação do apetite ao risco nos mercados globais, com recorde de fechamento no índice Stoxx 600 (pan-europeu), Dow Jones marcando no melhor semestre desde 2020 e S&P 500 e Nasdaq com o melhor trimestre desde o segundo trimestre de 2020, mesmo diante de um início de aperto monetário pelo BCE, assim como perspectivas do mesmo no FOMC para este segundo semestre. Os principais fatores que podem ser citados para essa melhora no humor ficaram para o arrefecimento das tensões geopolíticas diante do cessar-fogo no Irã e a reabertura do estreito de Ormuz, assim como a continuidade do otimismo com a temática de IA, além da forte resiliência da economia dos EUA e a robustez dos balanços corporativos.

No cenário doméstico, houve continuidade do fluxo de saída de capital estrangeiro, de R\$ 7,7 bilhões na B3, porém, ainda temos um saldo positivo acumulado de R\$ 33,8 bilhões no ano. Dessa forma, mesmo diante de um ambiente global de redução nas tensões geopolíticas, a manutenção dos juros futuros em elevado patamar contribuiu para um novo mês de deterioração no âmbito interno. No cenário macro, tivemos do lado positivo produção industrial e volume do setor de serviços, contrabalanceado por vendas no varejo, o IBC-Br de abril, PMIs, CAGED de maio e nova piora na dívida líquida do setor público, aumentando de 67,4% para 67,9%.

Em maio, o IPCA apresentou variação de 0,58%, ligeiramente acima da expectativa de 0,53%, levando a inflação acumulada em 12 meses para 4,72%, já superando o teto da meta do BC. Já o IPCA-15 de junho registrou alta de 0,41%, levemente melhor que as estimativas de mercado (0,44%), com o acumulado em 12 meses atingindo 4,80%. O boletim Focus divulgado pelo Banco Central apresentou nova revisão altista para a projeção do IPCA deste ano: ajuste de 5,11% há 4 semanas para 5,30%, novos ajustes para 2027 (de 4,03% para 4,18%) e para 2028 (de 3,65% para 3,70%), mantendo o patamar para 2029 (3,50%). Ainda, tivemos ao longo do mês revisões para a taxa Selic, com revisão também altista para a projeção deste ano, encerrando em 14,00% (ante 13,50%), para 2027 (de 11,25% para 12,00%) e para 2028 (de 10,00% para 10,50%) e manutenção no patamar de 2029 (10,00%).

Diante de novas altas nas expectativas de inflação por parte do mercado, das perspectivas de juros altos por mais tempo e da persistente preocupação com o cenário fiscal, a curva de juros real apresentou um movimento de abertura expressivo em todos os seus vértices, subindo acima de 40bps no mês na maior parte de seus vencimentos. Dessa forma, os índices IMA-B 5, IMA-B e IMA-B 5+ renderam 0,22%, -1,04% e -2,05%, respectivamente.



No cenário internacional, o mês ficou marcado pelas atenções voltadas às decisões dos BCs e discursos dos presidentes, em potencial sinalização de indicativo das perspectivas das políticas monetárias. Em relação aos indicadores econômicos nos EUA, tivemos dados mistos, com destaques positivos para mercado de trabalho (ADP e Payroll), vendas no varejo e nova leitura do PIB do 1º tri em 2,1% (vs 1,6% da última leitura). De acordo com a ferramenta *Fedwatch*, as chances de manutenção para a próxima reunião estão próximas a 80%, com forte aumento da probabilidade de alta do juros neste segundo semestre, em virtude dos fortes dados de mercado de trabalho e aumento na perspectiva de inflação futura, adicionando um importante fator que é uma nova direção no FOMC ainda conquistando a confiança do mercado.

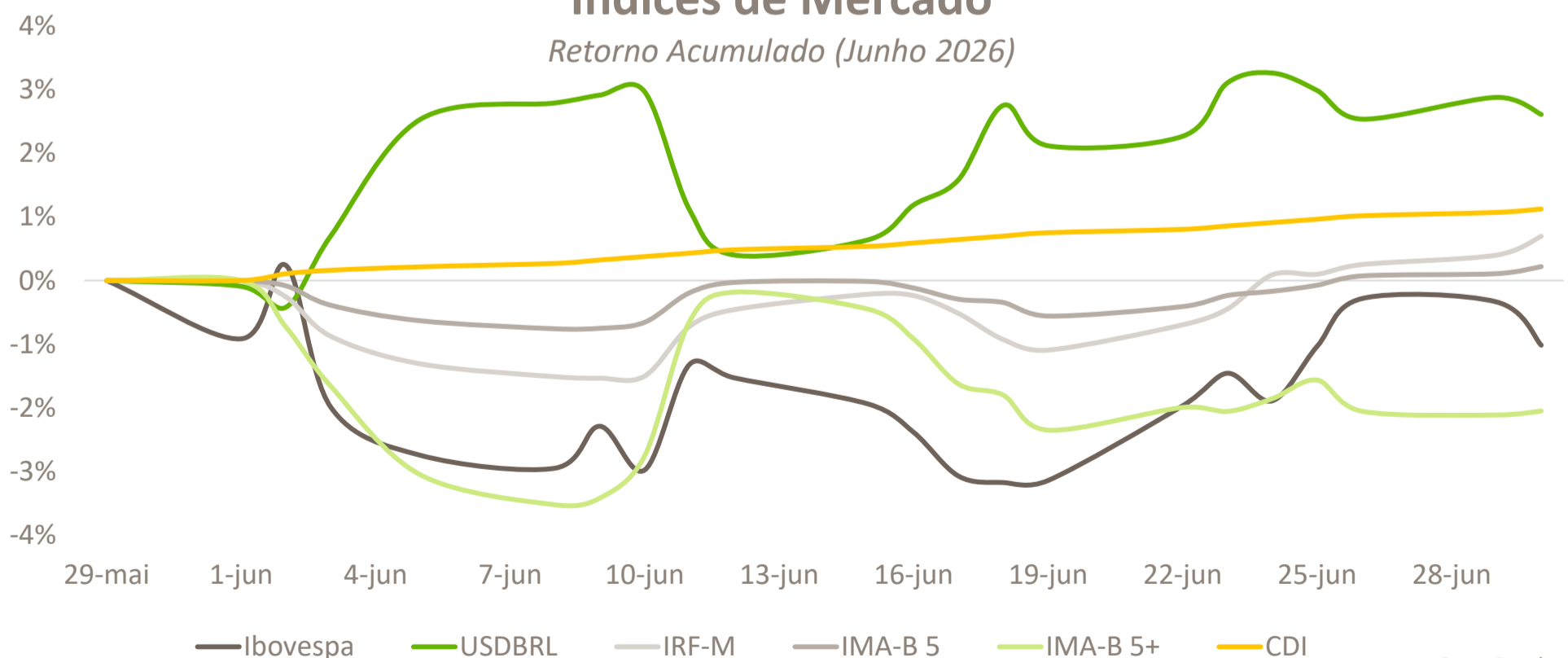
Na Europa, destaque ficou para o aumento das taxas de juros, em decorrência dos impactos das pressões inflacionárias decorrentes da guerra no Oriente Médio, contando ainda com leve melhora nos PMIs, mas dados como vendas no varejo, confiança do consumidor e nova leitura do PIB do 1º trimestre (+0,3%), vieram abaixo das expectativas, reforçando o cenário de desaceleração econômica já prevista. Na China, continuamos a observar um forte destaque para a balança comercial (crescimento tanto nas exportações quanto importações sob uma base já forte do mês anterior), porém, os dados de vendas no varejo vieram abaixo das expectativas, sendo contrabalanceados por dados de PMIs com melhora, produção industrial e taxa de desemprego melhores do que esperado.

No mercado de *commodities*, o petróleo teve forte recuo, encerrando o período a US\$ 72,95/barril (Brent), queda de 19,9%. O movimento iniciado no mês de maio configurou a maior queda trimestral desde 2020, aproximando-se dos níveis pré-guerra, após cessar-fogo e liberação do estreito de Ormuz, com aumento da oferta. Já o minério de ferro recuou 0,71%, mas permaneceu acima de US\$ 100/ton, mantendo o cenário de estabilidade observado ao longo do ano, apesar das incertezas em relação à demanda chinesa. Durante o período, a *commodity* chegou a atingir US\$ 122/ton, maior patamar desde setembro de 2024.

O Ibovespa apresentou nova queda no mês (quarta consecutiva), registrando queda de 1,01%, aos 172.024 pontos, ainda acumulando valorização de 6,76% no ano. Por sua vez o dólar fechou o mês em alta de 2,39% frente ao real, cotado a R\$ 5,16, porém, ainda acumulando uma desvalorização de 5,94% em 2026. Para julho, após noticiário apresentar trégua no Irã, voltam-se atenções ao FOMC, após decisão unânime sob nova direção e comunicado simplificado, com poucos indicativos da condução da política monetária, potencialmente mais *data driven*. Já no âmbito interno, continuamos em um ciclo de deterioração das expectativas de inflação, simultâneo à ampliação dos programas sociais pelo Governo, totalizando R\$ 184,7 bilhões. Com isso, a curva de juros tem apresentado stress, reduzindo ciclo de flexibilização monetária para uma taxa Selic terminal de 14,00%. Ademais, temos acompanhando com atenção a deterioração nas métricas de crédito, com maior impacto potencial às empresas de consumo discricionário, mas não se limitando a essas.

Índices de Mercado

Retorno Acumulado (Junho 2026)



Fonte: Broadcast+